



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8818 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

A IDEOLOGIA COMO UMA DAS IDEIAS- FORÇA QUE SUSTENTA UMA INSTITUIÇÃO

Flavia Miller Naethe Motta - UFRRJ - PPGEDUC - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ana Lucia Gomes de Souza - CAp-UERJ

A IDEOLOGIA COMO UMA DAS IDEIAS- FORÇA QUE SUSTENTA UMA INSTITUIÇÃO

Resumo

O texto trata de pesquisa de cunho qualitativo que investigou uma instituição comunitária filantrópica na Baixada Fluminense/RJ, criada a partir de movimentos sociais, em seu êxito na escolarização de crianças de camadas populares. O objetivo foi investigar as marcas, forças e ideologias que sustentam a instituição de forma a preservá-la em atuação por mais de 30 anos. A pesquisa permitiu destacar dez ideias-forças como princípios que a regulam, salvaguardando sua ação. Neste trabalho elegemos a ideologia como ideia-força. Os fundamentos teóricos foram elaborados principalmente em diálogo com os estudos de Bakhtin e Freire. A metodologia da pesquisa consistiu na análise documental de materiais sobre a história da instituição e pesquisa de campo com as turmas de educação infantil e primeiro ano do ensino fundamental. Como resultados constatamos que a instituição tem conseguido se manter por suas convicções políticas e ideológicas que não permitem que se afaste dos seus princípios, preservando sua função educativa e negando o assistencialismo.

Palavras-chave: Instituições Comunitárias, Educação Infantil, Ideias-Força, Ideologia

O conceito de ideias-força surgiu na qualificação de uma tese de doutorado já defendida e aprovada com mérito pela banca avaliadora. Um dos membros o sugeriu diante da pergunta que ocasionou a pesquisa: porque uma dada instituição social obtinha tanto êxito na educação das crianças pequenas em um município pobre da Baixada Fluminense.

Inicialmente, o que nos chamou à atenção para a pesquisa nessa instituição foi a sua escola. Tínhamos notícias que as crianças conseguiam se alfabetizar no primeiro ano de escolaridade e fomos observar como seriam as práticas docentes para o alcance de bons resultados da escola comunitária. Esse então tornou-se o **tema** da pesquisa: **a educação de crianças pequenas na Escola da instituição da pesquisa.**

Fomos em busca do significado do conceito, recorremos aos artigos científicos para reconhecer qual tem sido a perspectiva do uso da expressão ideia-força^[1] em trabalhos acadêmicos. Observamos que há poucos trabalhos que utilizam essa tal expressão. E em menor número estão os textos que justificam seu uso. Apenas usam.

Partindo de Magendzo (2009), Suliveres & Morán (2009) e Candau (2016) compreendemos a potencialidade da expressão ideia-força. Por incorporar uma dimensão social, tal como expressaram Suliveres & Morán (2009), podemos concebê-la como princípio harmonizador do ideário de um lugar, de uma coisa ou de uma instituição.

A ideia-força é o *ethos* da instituição. O que a faz preservar suas práticas, seus princípios, seus valores. É o que a mantém em atividade, com base sólida, fortalecida e viva. É o que a faz tudo ter sentido para seus sujeitos e os orienta a administrar as tensões. Além disso, podemos afirmar que não estão isoladas, mas se completam e interligam, em constante interação. Elas são capazes de tornar esse lugar único. São o que lhe confere sua originalidade

Localizamos a *ideologia* como uma das ideias-força que movem essa instituição. Referimo-nos a uma possível concepção ideológica presente e constante entre os sujeitos desse espaço comunitário, sobre a relevância da instituição em si, capaz de fazê-los prosseguir em seus objetivos. Para as questões da pesquisa elegemos a corrente teórica e epistemológica que se aproxima da que nos orientamos – a marxista[2].

Chaui (2016) define ideologia como “um corpus de representação e normas que fixam e preservam de antemão o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir.” A ideologia, então forma antecipadamente nossos atos de pensar, de agir e querer ou de sentir e dessa maneira é capaz de os negar enquanto acontecimentos novos e temporais. A ideologia produz uma universalidade imaginária. E o faz generalizando para toda sociedade os interesses particulares da classe dominante. Sua eficácia se dá quando flui espontaneamente como a verdade aceita por todos. Quando não precisa mostrar o interior dos indivíduos e legitimar a divisão social. Por isso a autora a considera hegemônica.

Trazemos a seguir um trecho de um evento onde três professoras, em visita à instituição conversam com orientadora educacional que conta que contribui eventualmente com alguma doação. O olhar de crítica das visitantes, levou à seguinte resposta:

Olha, eu doo alguns itens nesta instituição. Mas pertenço também a outra rede municipal e lá eu não doo nada. Meus colegas de trabalho de lá sabem que nem adianta pedir. Lá tem recurso próprio para isso ou, deveria ter. O poder público tem que fazer sua parte e colocar papel e cópias nas escolas é tarefa deles e não nossa. Temos que ter consciência disso, senão: pensa! Será o oprimido servindo ao opressor. Aí você não tem material, você não tem um espaço adequado, mas a culpa é sua do menino não aprender? (Registro do Caderno de Campo, 2018)

A justificativa revelava um ato político, comprometido com uma ideologia. Um ato singular, responsivo e responsável para com as necessidades da escola, às quais se comprometia, sem reservas. Onde “cada experiência que eu vivo são um momento do meu viver-agir” (BAKHTIN, 2017, p.44). O autor fala da responsabilidade do sujeito nas suas relações com o mundo e na forma como nos apresentamos diante delas. O ato responsivo é o compromisso com o qual respondemos com a nossa vida. Inteiros. Entendemos então, que o envolvimento com a instituição de maneira responsiva faz parte da ideologia dos sujeitos que lá atuam. Bakhtin (2017) complementa dizendo que o ato responsável é, de um jeito inevitável, o resultado de uma decisão.

Sobre as ideologias que acompanham o professor, Freire diz: “No fundo, a ideologia tem um poder de persuasão indiscutível. O discurso ideológico que nos ameaça a anestesiar a

mente, de confundir a curiosidade, de distorcer a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos. Não podemos escutar sem um mínimo de reação crítica”. Devemos estar advertidos do poder do discurso ideológico. (1996, p. 132).

Compreendemos ser esta reação crítica de que falava a orientadora no evento destacado. Sua enunciação revela ser sabedora das obrigações do governo em prover os recursos para a educação. Ao passo que a escola comunitária contava com a ação dos seus sujeitos, visando o bem comum. Sua indignação está relacionada aos seus ideais que vêm sendo concebidos nas vivências de participação em uma escola comunitária e a faz posicionar-se criticamente. A atitude da orientadora revela uma posição política não neutra. E sobre isso, também somos advertidos por Freire: “Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça?” (1996, p. 112).

A ideologia se mantém através da ocultação de sua gênese (CHAUI, 2016): a divisão da sociedade em classes. Sua missão é esconder tal divisão, pois do contrário se destruiria. É dessa maneira que a ideologia tem criado teorias outras sobre a gênese da sociedade e de como se deram as diferenças entre as classes, negando assim seus primórdios. Uma de suas características principais seria a de passar do discurso *de* ao discurso *sobre*. O início de um discurso dialógico pode ser percebido quando há a mudança do *de* para o *sobre*. Chauí exemplifica: “quando o discurso *da* unidade social se tornou realmente impossível em virtude da divisão social, surgiu um discurso *sobre* a unidade” (2016, p. 248).

Quando diferenciamos esses dois discursos podemos chegar à distinção entre o conhecimento e o pensamento:

O conhecimento é a apropriação intelectual de um certo campo de objetos materiais ou ideias como dados, isto é, como fatos ou como ideias. O pensamento não se apropria de nada – é um trabalho de reflexão que se esforça para elevar uma experiência (não importa qual seja) à sua inteligibilidade, acolhendo a experiência como indeterminada, como não-saber (e não como ignorância) que pede para ser determinado e pesado, isto é, compreendido. Para que o trabalho do pensamento se realize, é preciso que a experiência fale de si para poder voltar-se sobre si mesma e compreender-se. O conhecimento tende a cristalizar-se no discurso sobre; o pensamento se esforça para evitar essa tentação apaziguadora, pois quem já sabe, já viu e já disse que não precisa pensar, ver e dizer e, portanto, também nada precisa fazer, a experiência é o que está, aqui e agora, pedindo para ser visto, falado, pensado e feito. (CHAUI, 2016, p. 248)

Assim, atitudes que denominamos de ideológicas como as observadas na fala da orientadora são imbuídas do pensamento elaborado através da experiência. Amparada no discurso *da* instituição e não *sobre* ela.

O objetivo principal da instituição era pensar que escola a gente quer para as classes populares. Esse início mostra toda a diferença. Por isso houve a saída de pessoas muito ativas no movimento social. Elas se afastaram do movimento para entrar no que eu vou chamar de uma intervenção acadêmica na sociedade (Registro de áudio da autora, 2018)

A diferença é de cunho ideológico. Trata-se muito mais do que oferta de educação, mas sim de uma intervenção acadêmica, como ela destaca. Talvez seja algo inédito para aquela localidade e por isso tão preservado por todos.

O círculo bakhtiniano contribui para o debate sobre a ideologia. Contudo, destacamos que nossos estudos bakhtinianos voltam-se para a compreensão da linguagem, pois a palavra é um fenômeno ideológico por excelência, como afirma. Volóchinov (2017, p. 99). Qualquer produto ideológico reflete e refrata outra realidade. Tudo o que é ideológico possui uma significação e assim representa ou substitui algo encontrado fora dele. Portanto, a ideologia é um *signo* e “onde não há signo também não há ideologia.” (IDEM, p. 91)

Volóchinov diz que encontramos diferenças no interior de cada uma das esferas ideológicas. Contudo, todos os fenômenos ideológicos possuem o caráter *signico*. Assim, compreendemos a distância entre as instâncias citadas, prefeitura e instituição pesquisada, que apesar de se encontrarem num processo de parceria institucionalizada, se afastam em seus princípios ideológicos.

Corroborando Chauí, Freire também questiona o discurso ideológico que consegue camuflar a diferença social entre classes sociais. Nesse caso, atribui ao sistema capitalista e a globalização a influência que contribui para riqueza de uns poucos e a verticalização da pobreza e miséria de milhões. Contra tudo o que classifica como “mal-estar”, apresenta como “armas de incalculável alcance” uma rebeldia nova constituída de “palavra crítica, o discurso humanista, o compromisso solidário, a denúncia veemente da negação do homem e da mulher e o anúncio de um mundo *genteficado*” (1996, p. 128).

O autor menciona a seriedade de, enquanto professor, estar advertido do poder do discurso ideológico, começando pelo que proclama a *morte* das ideologias’. E afirma que uma ideologia só se mata ideologicamente. Mas, devido ao seu poder de persuasão, que diz ser indiscutível, há a probabilidade de não percebermos a natureza ideológica que fala dessa morte. Pois, segundo ele: “O discurso ideológico nos ameaça de *anestesi*ar a mente, de confundir a curiosidade, de *distorcer* a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos” (FREIRE, 1996, P. 132).

É preciso ter resistência crítica, nos afirma e assim ter uma atitude aberta aos dados da realidade e ao mesmo tempo preservar a suspeita que salvaguarda de ter as certezas como certas. É preciso estar exposto às diferenças para só então ter a possibilidade “de pensar certo, de ver com acuidade, de ouvir com respeito, por isso de forma exigente”, ele diz. Prossegue afirmando que conviver com as diferenças é o melhor caminho para recusar posições de verdades absolutas e únicas.

Os enunciados revelam a ideologia preservada na instituição. São eles que nos dão pistas das concepções ideológicas dos sujeitos. Mas, não só eles, pois a ideologia está presente nas entrelinhas do dito e até do não dito. Ainda assim é captada aos olhos do observador atento. E é essa ideologia que preserva os modos de agir de cada um dos envolvidos. Se há uma universalização imaginária, podemos dizer que ela se manifesta no ato responsivo de cada sujeito que se envolve com a instituição.

A ideologia está presente também na escolha dos profissionais por permanecer nessa e não em outra escola. Uma escolha que se desdobra em mais ações responsivas e na opção de atendimento a esse público e não outro. Que está presente também no diálogo mantido há anos com a prefeitura, os políticos de toda ordem que se aproximam. Se manifesta também na concepção pedagógica escolhida para alfabetizar, nas estratégias que conduzem esse processo.

A ideologia, portanto, é constante como um ato responsivo, de entrega, de comprometimento com as questões da escola, quando os sujeitos respondem com a vida. Uma entrega que requer alteridade e compromisso ético consigo e com o outro. Tudo isso mostra o quanto a ideologia é uma ideia-força da instituição pesquisada.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3ª. Ed. São Paulo: Pedro e João, 2017.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. “Ideias-Força” do Pensamento de Boaventura Sousa Santos e a Educação Intercultura. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v.32. n.0, p. 15-34, Jan.-Mar. 2016.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e educação. **Revista Educação, Pesquisa**. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0245.pdf>. Com acesso em 16 de maio de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAGENDZO, Abrahan. Ideas-fuerza: Pensamiento e de la educación em derechos humanos em liberoamérica. In: MAGENDZO, Abrahan. **Pensamiento e ideas-fuerza de la educación em derechos humanos em liberoamérica**. Chile: SM. 2009. P. 4-25

SULIVERES, Anita Yudikin &, MORÁN, Anaida Pascual. Pensado el quehacer de la educación em derechos humanos y para uma cultura de paz em Puerto Rico. In: MAGENDZO, Abrahan. **Pensamiento e ideas-fuerza de la educación em derechos humanos em liberoamérica**. Chile: SM. 2009. P 278-298.

VOLÓCHIMOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

[1] A grafia aparece de diferentes maneiras: com hífen ou sem hífen, assim como a primeira palavra no singular ou no plural. Optamos por adotar ‘ideia-força’, tal qual grafada no dicionário (com hífen) e faremos uso do plural, quando necessário, apenas da primeira palavra.

[2] A abordagem marxista sobre ideologia é ampla e aprofundá-la não é a intenção. Cabe-nos considerar sua concepção sobre as relações sociais e a existência de duas classes: a dominante, formada pela burguesia e a dominada, formada pelo proletariado.